

PAIS DE RAPAZ PARALISADO ESTÃO HÁ 11 ANOS À ESPERA DE JUSTIÇA

Envenenamento sem castigo

Egídio era um bebê lindo de morrer. Um vizinho esqueceu-se de um frasco de "605 Forte" aberto e o menino foi lá e bebeu. Ficou paralisado. Não vê, não ouve nem conhece as pessoas. Os pais exigem que alguém responda pelo que aconteceu

Trícia Guimarães

Tem 13 anos e desde os 2 que não fala, não ouve, não vê, não anda, não conhece as pessoas, "não dá por si", como diz a mãe. Um herbicida "dos mais potentes" foi o destruidor da vida de quem era Egídio César. Onze anos depois, o pai, Egídio Neves, 45 anos, ainda chora o destino do filho e não se conforma que o "iminoso" não tenha sido punido, graças a uma amnistia.

De lágrimas nos olhos e voz trêmula, o pai recorda como se fosse hoje o trágico acidente: "Estava a trabalhar quando me ligaram a dizer que o meu filho tinha ferido qualquer coisa. Na altura não fiquei muito preocupado, porque nunca deixamos nada de rigoroso ao alcance dele. Mas, quando cheguei a casa, estava o menino já morto", diz, emocionado. "O cérebro esteve muito tempo sem ser oxigenado e foi irreversível. Ele respira, mexe os olhos e não vê nada", sublinha, inconfortado. A dor é ainda maior porque Egídio não viu o responsável por esta desgraça sentar-se no banco dos réus. "O filho da senhora foi lavar o chão e abandonou o frasco desrolhado do herbicida '605 Forte', tipo remédio escaravelho. É ele o responsável por o meu filho ter ficado assim, mas está descansadinho em casa e nós é que passamos a vida no hospital", acusa.

É que o processo acabou por

ser arquivado devido a uma amnistia e o vizinho, que nunca chegou a responder pela sua atitude negligente, ficou ilibado de culpas.

"Isto é um país da treta"

Nem uma indemnização. "Apresentámos uma queixa-crime e um processo cível. Ele chegou a admitir tudo nas declarações que fez à Polícia Judiciária", sublinha o pai do menino. "Isto é um país da treta. Existe um culpado de envenenamento por negligência que não é incomodado para nada".

Tudo o que esta família quer é que alguém seja responsabilizado pelo que aconteceu. Uma vez que o então arguido foi amnistiado, que "seja o Estado a assumir e não a sacudir água do capote", reclamam.

Aos 17 anos, Ângela foi mãe pela primeira vez. Dois anos depois viu-se a braços com um filho que deixou de ser aquele bonzinho, bonito e inteligente, para ser um "vegetal", que até tem de ser alimentado por uma válvula colocada no estômago, devido à sua completa paralisia. Ângela nunca trabalhou, porque passa os dias a cuidar dos seus 3 filhos, especialmente do Egídio, o mais velho. Ainda por cima, os graves problemas do menino obrigam-no a ser internado no hospital fre-

quentemente. Uma luta diária, um drama. Que leva o pai a deixar fugir um desabafo doloroso: "Se calhar, teria sido melhor ele não ter sido socorrido. Era melhor para ele e para nós". ■

